

Carta semanal 43 (2018): Queremos dinheiro enquanto esperamos pelo comunismo



Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

A foto acima foi tirada em Paris. A palavra de ordem na parede é emblemática: queremos dinheiro enquanto esperamos pelo comunismo. Há um pouco da raiva frívola que vem do grafite de 1968. Há dança e música nas ruas, há o júbilo de finalmente, finalmente, as pessoas estarem dizendo “chega”. Basta, como se diz também em espanhol – chega de ser tratado como a última preocupação pelos políticos e proprietários. O povo quer ser levado a sério. Eles querem que suas queixas e esperanças estruturam o cenário político, e não a avareza das corporações e o cinismo da classe política.

Susan Ram, que está escrevendo um livro sobre a esquerda francesa para **LeftWord Books** (Nova Déli), tem uma **avaliação** afiada do movimento dos coletes amarelos (*gilets jaunes*) e de sua quinta semana de manifestações – *Act V Macron Démission* (Macron renuncia). É raiva e determinação que define o protesto dos coletes amarelos. Tentativas do presidente Emmanuel Macron de conquistar o país e da polícia de reprimir as manifestações não tiveram sucesso. A polícia parece exausta, o orçamento de Macron cambaleia. Prabhat Patnaik **mostra** como as concessões da Macron são ilusórias, uma “tática imobilizadora e enganadora”. Como se recusa a taxar os ricos, Macron pedirá dinheiro emprestado para conceder algumas exigências e colocará as finanças da França em desordem; depois, fingirá tristeza quando ele ou seu sucessor defenderem a austeridade. Esse é o caminho dos formuladores de políticas neoliberais. É o que Prabhat expôs para nós em nosso **Dossiê nº 7**. Queremos dinheiro, dizem os coletes amarelos, como prelúdio de uma emancipação radical.



Em Pequim (República Popular da China), encontro um funcionário – um velho amigo – que me diz que os protestos dos coletes amarelos terão similares por toda parte, inclusive na Ásia. A política neoliberal comeu a sociedade, canibalizando os tendões que ligam as pessoas umas às outras e empobrecendo a vida cotidiana. Esse é um problema – ele admite – mesmo na China, onde as formas sociais revolucionárias pós-1949 não são mais levadas a sério.

A palavra de ordem de Deng Xiaoping em 1983 – *deixe algumas pessoas enriquecerem primeiro* (*rang yi bu fen ren xian fu qi lai*) – está datada. É também mal compreendida. É fácil ter uma visão estereotipada da China – com opiniões que vão da crença de que é um país totalmente capitalista a de que é um bastião maoísta. Nenhuma delas é totalmente correta. As aspirações desenvolvidas pela Revolução de 1949 continuam – o sentimento de que ninguém deve ser pobre, sofrer privações e que deve ser tratado com dignidade, persiste. Para se tornar rico, não é necessário ser capitalista. Entre os trabalhadores, há o entendimento de que ninguém quer viver, por gerações, na pobreza. O que está faltando, diz um professor sênior, é o espírito coletivo produzido pela Revolução de 1949. Todos os processos revolucionários perdem sua energia, são sugados pelos problemas cotidianos de distribuição de recursos e da burocracia do poder. Ler os textos de Lênin a Ho Chi Minh e a Mao Tse Tung, escritos nos anos posteriores à revolução, é instrutivo. Todos avisam sobre essa perda de energia, esse sentimento do distanciamento entre autoridades e o povo. É um problema observado pelo atual premiê chinês Xi Jinping, que defendeu o estudo do marxismo e pediu novos valores no governo. Canalizar as aspirações de ganho individual para o desenvolvimento social não é uma questão simples, especialmente porque há um impulso cultural global para reduzir a personalidade humana a um consumidor.

Na terça-feira (18/12), visitei o Grande Salão do Povo e o Museu Nacional da China. Há uma celebração do 40º aniversário da era da reforma. Em 1978, o Terceiro Plenário do 11º Comitê Central do Partido Comunista foi realizado no Hotel Jingxi, na mesma rua da Praça Tiananmen. Foi neste Plenário que o líder do partido, Deng Xiaoping, pediu a abertura da economia chinesa e a entrada de forças de mercado na economia. Pouco depois dessa reunião, Deng se reuniu com o primeiro-ministro do Japão, Masayoshi Ohira, a quem ele disse que o povo chinês estaria confortável (*xiaokang*) até 2025. Na celebração desta semana, o presidente chinês Xi Jinping aplaudiu as três fases da modernidade chinesa. Movimento de 1911, a Revolução de 1949 e a Era da Reforma iniciada em 1978. Esse desenvolvimento permitiu que a China – um país pobre e agrícola – quebrasse a profunda consciência da subserviência feudal e erradicasse a fome. Meu relatório do Grande Salão e do Museu está **aqui**.

Os problemas permanecem, alguns deles muito graves, como os acontecimentos em Xinjiang e a detenção de números não divulgados da minoria Uyghur; a prisão de estudantes marxistas que foram oferecer solidariedade a trabalhadores da Jasic Technology em Shenzhen. É difícil imaginar a promoção do marxismo ao mesmo tempo em que se violam princípios básicos marxistas, como os direitos de minorias e a organização dos trabalhadores.

A pintura acima é um detalhe de um grande trabalho feito à tinta por Tang Yongli, instalada no Museu em 2015. Mostra o primeiro comitê central do Partido Comunista, em 1949.



A diferença entre os dilemas da China, em um extremo da Ásia, e o trauma do Iêmen, no outro extremo do continente, é significativa. O Iêmen continua à beira da fome, com mais da metade da população incapaz de sobreviver. Essa é a consequência da loucura da guerra – a guerra dos sauditas e dos Emirados. Na semana passada, um acordo para reduzir o conflito foi assinado entre as facções iemenitas, mas sem assinatura dos sauditas e emirados. A ONU acredita, porém, que isso possa abrir caminhos. Minha **coluna** esta semana investiga a guerra. Autoridades chinesas dizem que estão ansiosas por estabilidade na Península Arábica, já que a guerra interrompe sua iniciativa da Rota da Seda (*One Belt, One Road*). A pressão de todos os lados nos sauditas e emirados – em particular – é importante. O Senado estadunidense ter votado de forma a não permitir que os Estados Unidos sejam beligerantes nessa guerra é parte desse processo.

A pintura acima é de Hakim al-Hakel, um dos artistas mais ilustres do Iêmen. Ele está agora exilado na Jordânia. Al-Hakel pintou uma série de retratos de iemenitas, uma aura nostálgica em torno deles. “Eu sinto que a cidade iemenita vive dentro de mim”, diz ele.



O compromisso da China com fontes de energia não baseadas em carbono é louvável. Países como a China, que continuam a ter um enorme número de pessoas com aspirações comuns, deixaram claro que não são os principais responsáveis pela mudança climática e que o orçamento de carbono que resta deve dar prioridade aos países em desenvolvimento. Essa tem sido a posição de referência nas negociações.

É o que o “mundo desenvolvido” nega. Na reunião em Katowice (Polônia), o mundo em desenvolvimento sofreu uma séria derrota. T. Jayaraman e Tejal Kanitkar, do Instituto Tata de Ciências Sociais, **escreveram** que o objetivo das negociações não foi abordar a mudança climática, mas “garantir que o mundo, no clima e no comércio, permaneça desigual”. “Acredito que, em uma reflexão mais aprofundada”, disse Jayaraman, “o resultado dessas negociações é uma derrota estratégica para a grande maioria dos países em desenvolvimento”.

Na ilha de Naoshima (Japão), Shinro Ohta construiu parte de seu projeto Shipyard Works. A foto acima é de Stern With Hole (1990). É uma premonição do que permanecerá depois que os humanos forem extintos.

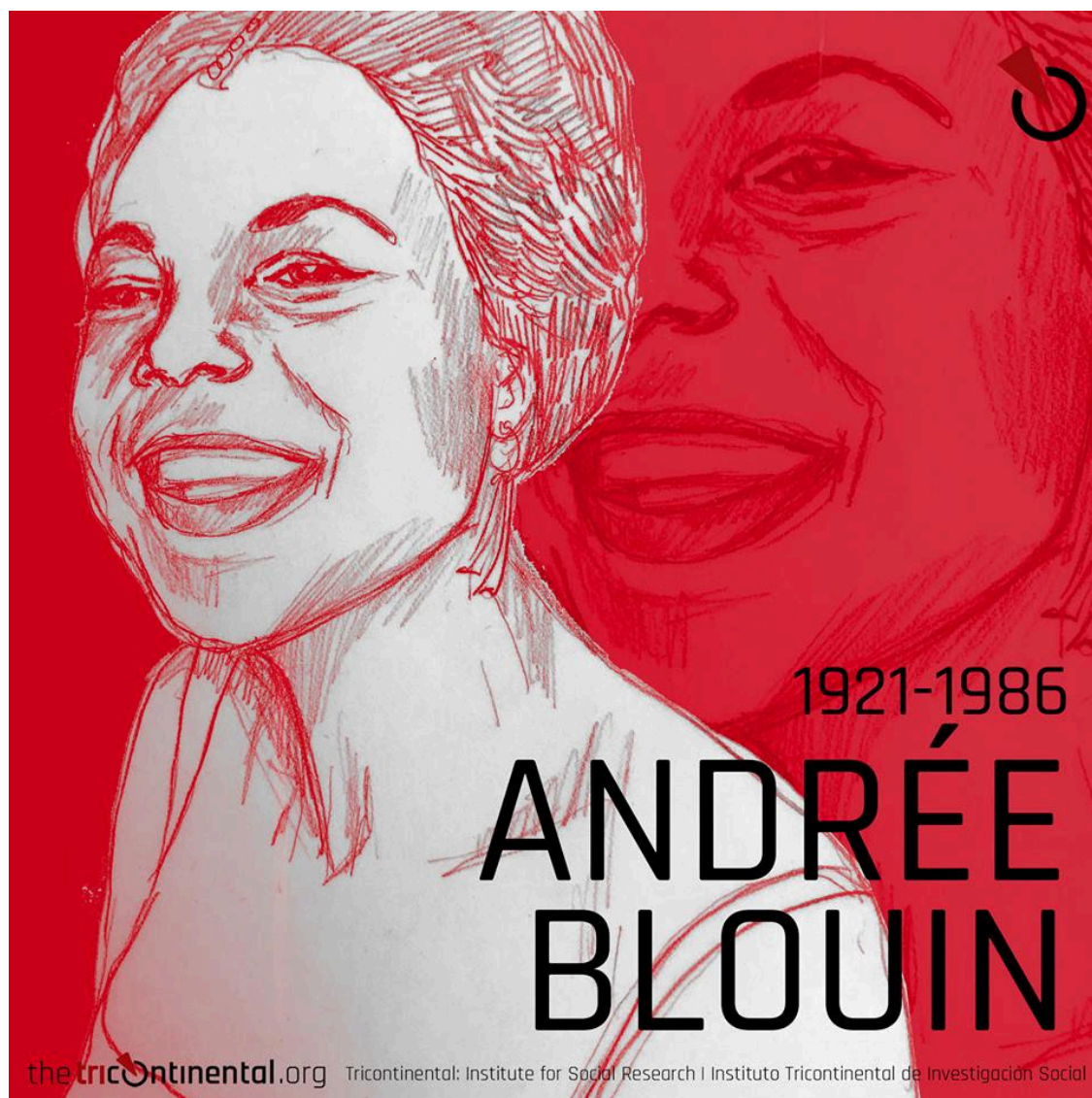


Preocupações vêm do Brasil, onde seu novo presidente – Jair Bolsonaro – fez comentários imprudentes sobre a derrubada da floresta amazônica, a maior floresta tropical do mundo. A segunda maior é a da República Democrática do Congo (RDC) – que armazena 8% do carbono florestal global. A RDC é rica, mas o seu povo é pobre (está classificado na posição 176 de 189 no **Índice de Desenvolvimento Humano**, do Pnud). Kambale Musavuli do **Amigos do Congome** conta sobre o “fluxo contínuo de coltan, cobre e cobalto do Congo, e outros minerais estratégicos que são vitais para as principais indústrias globais”. Você não poderia ler esta carta semanal sem o coltan contido em seu smartphone. A guerra tornou-se a cortina de fumaça para o roubo dos recursos da RDC, o empobrecimento de seu povo e a lenta degradação de sua floresta tropical.

No domingo, 23 de dezembro, o povo da RDC irá votar em um novo líder. Violência e corrupção caracterizam a eleição. Kambale Musavuli pergunta: “O povo congolês consegue mudar fundamentalmente sua condição desesperadora? Eles estão presos na pobreza abjeta e conflitos das elites locais, em conluio com corporações multinacionais. As riquezas do Congo estão sendo saqueadas”. Ativistas do lado bom da história estão **desaparecidos**. Kambale aponta para a determinação dos jovens, que muitas vezes estão nas ruas, para produzir uma RDC mais justa, uma RDC para seus 80 milhões de habitantes e para suas terras e não para seus bilionários, como George Forrest e Moises Katumbi, Youssef Mansour e Jean-Pierre Bemba ou uma RDC para as corporações multinacionais como Glencore e Banro.

A pintura acima é o congolês Zemba Luzamba. Intitula-se Paparazzi. É um pequeno gesto sobre a falta de interesse da mídia na RDC, o epicentro da destruição capitalista do planeta.

A imagem abaixo é de Andréé Blouin (1921-1986), feminista, pan-africanista e ativista anticolonial. Ela foi fundamental para a luta de independência do Congo, formando o primeiro governo livre do Congo junto a Patrice Lumumba. ‘Quero que a África seja amada’, disse. ‘Falo do meu país, África, porque quero que seja conhecida. Não podemos amar o que não conhecemos. Conhecimento vem primeiro, depois vem o amor. Onde há conhecimento, certamente haverá amor’.



Falando sobre os impulsos destrutivos do capitalismo: Lisa Girion, da Reuters, escreveu uma **matéria** incrível sobre como a Johnson & Johnson (receita de 2017: 76,5 bilhões de dólares) ocultou as propriedades cancerígenas em seu icônico talco para bebês. Essa é uma história sobre como o desejo de lucros das empresas supera todas outras emoções humanas, como zelar pela vida. O problema é o amianto – ou tremolita, como pode se apresentar. Em 1969, William Ashton, da Johnson & Johnson, escreveu para perguntar a um médico da empresa: “Historicamente, em nossa empresa, tremolita tem sido ruim. Quão ruim é a tremolita médica, e quanto dela pode ser usada de forma segura como base para um talco que podemos desenvolver? O médico respondeu que tremolita não deveria ser usada. Mas continuou a ser usado, colocando os “pulmões dos bebês” – como o filho do fundador da empresa colocou – em risco. É dinheiro que é mais importante que a saúde das crianças. Essa é a bússola moral desse sistema.

Não admira que os coletes amarelos, na França, e os fazendeiros, na Índia, saiam às ruas. Não admira que os jovens da RDC queiram se juntar a eles.

Cordialmente, Vijay.